



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 8, número 2, maio-ago. 2019

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM POR CRIANÇAS SURDAS COM PAIS OUVINTES



TRADUZIDO LANGUAGE ACQUISITION BY DEAF CHILDREN WITH LISTENERS PARENTS

Alice de Fátima VILELA
Universidade Federal de Lavras, Brasil

Raquel Márcia Fontes MARTINS
Universidade Federal de Lavras, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 28/06/2019 • APROVADO EM 06/11/2019

Resumo

Este estudo dedica-se a refletir sobre o contexto da aquisição da língua por crianças surdas com pais ouvintes, tendo como objetivo investigar a relação entre esses sujeitos e a língua sinalizada, no caso, a LIBRAS. Avaliam-se, especificamente, a forma de comunicação entre essas crianças e seus pais antes do diagnóstico da surdez, as dificuldades encontradas pelos pais com seus filhos surdos na aquisição da língua sinalizada, se as crianças conseguiram adquirir a língua, e, por fim, como ocorreu o desempenho escolar e social dessas crianças. O referencial teórico baseia-se em estudos que abordam a aquisição da língua de sinais, a LIBRAS e sua aquisição por crianças surdas com pais ouvintes (KAIL, 2013; QUADROS, 1997; GESSER, 2009; DIZEU E CAPORALI, 2005; FIGUEIREDO, 2015). O método utilizado para realizar este trabalho foi a elaboração de um questionário, direcionado a três mães com filhos surdos. Nas repostas ao questionário, as mães relataram sobre a comunicação entre os pais e seu filho

Abstract

This study reflects on acquisition focuses language by deaf children with hearing parents, aiming to investigate the relationship between these subjects and the sign language, in this case, LIBRAS. It's measured, specially, the form of communication between these children and their parents prior to the diagnosis of deafness, the difficulties encountered by parents with their deaf children in acquiring the sign language, whether the children were able to acquire the language, and, finally, the school and social performance of these children. The theoretical reference is based on studies that deal with the acquisition of sign language, the LIBRAS and their acquisition by deaf children with listeners parents (KAIL, 2013; QUADROS, 1997; GESSER, 2009; DIZEU E CAPORALI, 2005; FIGUEIREDO, 2015). The method used to accomplish this work was the elaboration of a questionnaire, directed for three mothers with deaf children. In the answers, they reported about the communication between parents and their deaf kids, and the challenges that led the lack of communication interaction by the same language, in addition to the language matches in the school/social environment with the deaf person.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Aquisição. Libras.

KEYWORDS: Language. Acquisition. Libras.

Texto integral

As línguas de sinais são línguas naturais com um sistema linguístico próprio, que se desenvolveram da necessidade da comunicação entre as pessoas surdas (TRASK, 2006). Essas línguas são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social da criança surda, pois permitem a comunicação entre os surdos, e também de surdos e ouvintes que tenham conhecimento da língua (DIZEU, CAPORALI, 2005).

Dessa forma, a língua sinalizada se torna um elemento primordial para o surdo, visto que possibilita a sua inserção no mundo como sujeito (GESSER, 2009; KAIL, 2013). É pela língua que o indivíduo irá agir e interagir no mundo em diferentes âmbitos (pessoal, profissional etc.), irá estabelecer relações interpessoais, que se iniciam desde o nascimento já no contato comunicativo do bebê com a mãe.

Ocorre, no entanto, que a maioria das crianças surdas são filhas de pais ouvintes que não adquiriram uma língua sinalizada. E, mesmo após o nascimento do filho surdo, esses pais têm resistência de aprender uma língua de sinais, como também resistem em promover a aquisição dessa língua pela criança surda ou em deixar esta participar de uma comunidade surda, o que seria essencial (GESSER, 2009; FIGUEIREDO, 2015).

Nesse contexto, esta pesquisa procura compreender como ocorre a aquisição da Língua de Sinais por crianças surdas e por seus pais, qual é o meio

pelo qual pais ouvintes e filhos surdos se comunicam. A fim de realizar este estudo, foi elaborado um questionário, direcionado a três mães (aqui denominadas, Mãe I, Mãe II e Mãe III), que relatam quais foram os percursos que as famílias criaram para construir a comunicação e como ocorreu a aquisição da linguagem por seus filhos surdos e, eventualmente, a aprendizagem da LIBRAS pela família.

A próxima seção trata da Língua Brasileira de Sinais – a LIBRAS, sendo que, em seguida, é abordada a aquisição da língua de sinais. Depois, trata-se da metodologia deste estudo, para, na sequência se passar à análise aqui realizada, da aquisição da LIBRAS por crianças surdas com pais ouvintes. Por último, apresentam-se as considerações finais deste estudo.

1 A Língua Brasileira De Sinais – LIBRAS

As línguas de sinais são línguas naturais de modalidade gestual-visual e visual-espacial. Essas línguas seguem uma estrutura gramatical própria, com regras morfológicas, sintáticas e semânticas, como destaca Gesser (2009).

A língua de sinais, como já vimos, tem uma gramática própria e se apresenta estruturada em todos os níveis, como as línguas orais: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Além disso, podemos encontrar nela características: a produtividade/criatividade, a flexibilidade, a descontinuidade e a arbitrariedade. (GESSER, 2009, p. 27).

O linguista americano Willian Stokoe iniciou os estudos da linguística da língua de sinais em 1660. Nessa época, muitas pesquisas foram realizadas sobre a estrutura gramatical dessa língua, chegando à conclusão de que ela é uma língua natural, com um sistema linguístico e estrutura gramatical exclusivo da língua de sinais.

Stokoe, citado por Quadros e Karnopp (2004), afirma que os sinais não eram simples sistema de gestos, mas símbolos que carregavam estruturas complexas. Ao analisar minuciosamente a realização desses símbolos, ele descobriu que cada sinal carrega elementos linguísticos importantes.

No Brasil, a língua de sinais teve a contribuição de um professor francês surdo chamado Hernet Huet, que se comunicava pela Língua de Sinais Francesa. Em vista da influencia da língua Francesa de Sinais, aliada às combinações do sistema linguístico dos surdos brasileiros, chegou-se à Língua Brasileira de Sinais, que tem como sigla as iniciais das palavras, LIBRAS; um sistema linguístico usado na comunicação dos surdos brasileiros (GESSER, 2009).

Com a necessidade de adquirir um status linguístico próprio e com direito pleno para a Língua Brasileira de Sinais, foi sancionada a Lei 10.436 (BRASIL, 2005), que oficializou a Libras como língua natural das comunidades surdas brasileiras. Com a sanção dessa lei, a LIBRAS foi reconhecida legalmente como tendo um sistema linguístico próprio para comunicação dos surdos brasileiros (GESSER, 2009). Também, essa lei conferiu ao surdo o direito de acesso a uma

educação que supra suas necessidades como cidadão surdo. A LIBRAS passou a ser reconhecida oficialmente como a segunda língua brasileira, uma grande conquista para as comunidades de surdos.

Na educação dos surdos, segundo Zanone e Santos (2014, p. 4), “O Bilinguismo tem obtido espaço fundamental na sociedade surda atual. É através dele que promovem-se o reconhecimento da cultura, comunidade e identidade dos Surdos”. Graças à metodologia bilíngue, o surdo é preparado para fazer uso das duas formas linguísticas da comunidade a qual ele pertence, a língua de sinais em um primeiro plano (no caso do Brasil, a LIBRAS) e posteriormente a língua oralizada oficial do país. Segundo Dizeu e Caporali (2005), o bilinguismo propõe à criança o contato com a língua de sinais, logo após o diagnóstico de surdez, possibilitando um desenvolvimento pleno e integral da língua materna.

Após o contato da criança surda com a língua materna – a língua de sinais, a LIBRAS no Brasil –, ela deve ter uma interação com a segunda língua, no nosso país, a Língua Portuguesa, para que possa ter um desenvolvimento melhor com a leitura e a escrita por meio da alfabetização.

Também, é importante compreender que o bilinguismo segue duas direções de aprendizagem e as instituições de ensino optam por qual metodologia querem seguir. Como explica Poker (2011, p. 9)

Existem duas vertentes dentro da filosofia Bilíngue. Uma defende que a criança com surdez deve adquirir a língua de sinais e a modalidade oral da língua, o mais precocemente possível, separadamente. Posteriormente, a criança deverá ser alfabetizada na língua oficial de seu país. Outra vertente acredita que se deve oferecer num primeiro momento apenas a língua de sinais e, num segundo momento, só a modalidade escrita da língua. A língua oral neste caso fica descartada. (Poker, 2011, p. 9).

De toda maneira, recomenda-se uma metodologia de educação bilíngue para que os surdos se capacitem para serem indivíduos plenos. Segundo Dizeu e Caporali (2005).

Dessa forma, a criança surda necessita de uma língua que possibilite a ela a integração ao seu meio, no qual ela seja capaz de compreender o que está ao seu redor, significar suas experiências, em vez de uma língua que a torne um ser apto para reproduzir um número restrito de palavras e frases feitas, que para ela não terão nenhum significado comunicativo, restringindo sua potencialidade para construir e utilizar a linguagem no processo dialógico. (DIZEU, CAPORALI, 2005, p. 590).

No Brasil, são muitos os desafios para se chegar a esse ensino bilíngue, considerando a LIBRAS como primeira língua. Este estudo irá tratar à frente, na análise, dessa questão. A seguir, aborda-se a aquisição da língua de sinais, propriamente, pelas crianças surdas.

2 Aquisição da língua de sinais

A aquisição da língua desenvolve-se da necessidade da comunicação dos seres humanos. Em geral, nós, ao nascermos, estabelecemos essa necessidade, em um primeiro contato com a mãe, depois com os demais familiares e pessoas próximas. Por intermédio dessa comunicação, nós desenvolvemos, interagimos e nos integramos em sociedade. Nessa mesma acepção, da capacidade humana para a linguagem, Quadros (1997, 47) destaca a "... necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações".

Assim, a aquisição da língua está diretamente ligada à interação social, que irá permitir que o indivíduo possa desenvolver-se linguisticamente, intelectualmente e socialmente. O mesmo acontece com as crianças que nascem surdas: o seu desenvolvimento depende do meio em que elas vivem, além dos estímulos linguísticos que recebem. Neste sentido, para que aconteça um bom desenvolvimento na aquisição da Língua de Sinais, a criança tem que estar exposta diariamente ao contato da língua, como destacado por Dizeu e Caporali (2005),

Há então a necessidade de se colocar a criança surda próxima de seus pares o mais rápido possível, ou seja, em contato com um adulto surdo, fluente em LIBRAS, que será para essa criança o meio mais fácil de propiciar sua aquisição da língua. Nestas condições, adquirindo a LIBRAS, ela se tornará capaz de significar o mundo. As experiências mais promissoras indicam para a necessidade de atuação direta dos adultos surdos sinalizadores com os surdos que não têm acesso à língua de sinais, para que este se dê de forma rápida e eficiente, além de isso contribuir para a formação da identidade de pessoa surda desses sujeitos. (DIZEU e CAPORALI, 2005, p. 588).

Dessa forma, assim que os pais recebessem o diagnóstico de surdez dos filhos, deveriam buscar o aprendizado da língua sinalizada o mais rápido possível, evitando que a criança perca alguma fase do desenvolvimento linguístico. Segundo Quadros (1997, p.70), o processo de aquisição da língua de sinais percorre algumas fases que já se inicia nos primeiros meses de vida, chegando a se desenvolver até aos cinco anos de idade.

A aquisição da língua por crianças surdas apresenta especificidades, das quais destacamos como elemento fundamental para a comunicação o contato visual. Além disso, a criança surda tem que percorrer alguns estágios linguísticos importantes. Segundo Quadros (1997), estes se dividem em: pré-linguístico, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações de sinais e estágio das múltiplas combinações de sinais. Cada um desses estágios é descrito a seguir.

Estágio pré-linguístico: Esse é o início do período de aquisição da língua. Ocorre tanto em um bebê surdo quanto no ouvinte, sendo uma competência inata da linguagem. Essa é uma fase na qual os primeiros meios usados pelos bebês para

chamar a atenção dos pais são os balbucios, que reúnem tanto o balbucio silábico quanto o balbucio gestual. Os balbucios duram até um ano de idade. Quanto aos bebês surdos, o balbucio silábico desaparece pela falta de estímulos sonoros, já que os ouvintes, nesta idade, deixam de lado os gestos.

Estágio de um sinal: Essa fase desenvolve-se por volta de um ano, seguindo até dois anos de idade. Esse é um período em que as crianças conseguem produzir um sinal em forma de gestos, como se fossem apontar ou pedir algo, mas esses gestos não apresentam nenhum significado linguístico. O desenvolvimento dessa fase também ocorre em crianças ouvintes, sendo que estas têm mais aptidão para o desenvolvimento oral e sonoro, enquanto que a criança surda caminha para um desenvolvimento visual e gestual.

Estágio das primeiras combinações de sinais: O surgimento dessa fase começa em torno dos dois anos de idade, podendo durar até seis meses. Nessa pequena fase, a criança consegue fazer combinações de dois a três sinais, tendo uma construção de frases formada por sujeito + verbo, verbo + objeto e também sujeito + verbo + objeto.

Em relação ao uso dos pronomes por crianças surdas, elas tendem a apontar o pronome *tu* para se referir a si próprio (*eu*). Essa troca existe em alguns verbos que não possuem flexões verbais, e dessa forma exigem o uso dos pronomes para realizarem as construções gramaticais.

Estágio das múltiplas combinações de sinais: Esse período ocorre a partir dos dois anos e meio de idade e se estende até os três anos. Essa fase foi batizada por Quadros (1997, p. 74) de “explosão do vocabulário”. Nesse momento, as crianças começam a formar frases a partir do conhecimento que elas adquiriram ao passar pelos estágios anteriores. Esse é um período em que as crianças criam uma diferenciação entre as palavras, como por exemplo, *cadeira* e *sentar*, ou seja, distinguem o que é verbo do que é nome.

A aquisição linguística de uma criança perdura até os cinco anos de idade (TRASK, 2006), sendo uma fase em que a criança está adquirindo as regras gramaticais da língua. Nesse momento, as crianças já conseguem compreender as coisas que acontecem a sua volta e descrevê-las às pessoas com facilidade na comunicação.

Além dessas fases, ainda existem os parâmetros linguísticos, que são importantes para a comunicação da Língua de Sinais, os quais são tratados a seguir.

2.1 Parâmetros linguísticos na aquisição da Língua de Sinais

Há parâmetros linguísticos fundamentais para a língua de sinais, como consta nos estudos de Quadros e Karnopp (2004) e Figueiredo (2015). Esses parâmetros são compostos por movimentos manuais e não manuais, que são relevantes na formação da estrutura gramatical da língua adquirida pelas crianças surdas no decorrer do processo linguístico. Dessa forma, percebe-se um grande valor do uso da mão ou das mãos para realizar um sinal (palavra).

Esses sinais são formados em um determinado ponto do corpo, ou na região frontal, na hora da comunicação. Também, é importante destacar que cada sinal

consiste em uma configuração ou movimento diferente, indispensável tanto para o entendimento dos sinais quanto para os aspectos gramaticais. A seguir, são descritas as funções de cada parâmetro linguístico.

Configuração da Mão (CM): A configuração de mão é apresentada pelos movimentos das mãos para desenvolver vários sinais. Na Língua Brasileira de Sinais, alguns estudiosos, como Pêgo (2013), detectaram uma variação de 64 a 111 tipos de configuração de mão, dentre os quais estão os números, o alfabeto, os verbos e os substantivos, como consta na figura 1.

Figura 1 - Configuração da mão



Legenda: Configuração de mão é a forma como se posiciona a mão para formar o sinal. A primeira configuração representa a letra L, a segunda configuração é representado pelo número cinco e a terceira configuração a representação da letra B.

Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Pontos de Articulação (PA) ou Locação da mão (L): É o ponto onde é realizado o sinal, como consta na figura 2. Esse ponto pode ser tocado pela mão em algum lugar do corpo ou pode ser articulado no espaço em frente ao corpo. Segundo Benassi e Padilha (2015, p. 101), “em seu sistema de escrita ELiS (Escrita das línguas de sinais), são possíveis um total de 35 pontos onde a mão pode tocar ou ser posicionada durante a articulação de um determinado sinal”.

Figura 2 - Pontos de Articulação (PA) ou Locação da mão (L)



Legenda: O espaço de realização do sinal é realizado pelas mãos do sinalizador em um determinado ponto do corpo, ou no espaço em frente ao corpo, no qual as apresentações

dos sinais acontecem em uma área limitada que vai do alto da cabeça e se expandem até o quadril.

Fonte: Acervo pessoal das autoras

Orientação (O): É a direção da mão ou da palma para a produção do sinal. Que segundo os estudos de Quadros e Karnopp (2004), as direções que a mão segue têm uma estimativa de seis lados de orientação da mão na Língua de Sinais Brasileira, conforme demonstra a figura 3.

Figura 3 - Orientação



Legenda: A orientação é a direção da palma da mão ou da mão. As direções seguem para cima, para baixo, para o lado direito ou lado esquerdo, para frente ou para trás.

Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Movimento (M): O movimento na Língua sinalizada é representado pela movimentação da(s) mão(s) dentro do espaço estabelecido, no espaço em frente ao corpo, as direções que a mão pode percorrer e os movimentos dos dedos, do punho e do braço, como representa a figura 4. Segundo Quadros e Karnopp (2004), existem características que são empregadas nos movimentos dos sinais que são importantes na gramática da língua sinalizada. A partir dos movimentos, podemos perceber relações gramaticais importantes para o entendimento do sinal.

Figura 4 - Movimento



Legenda: Os movimentos que a mão, os braços e dedos realizam para formar um sinal. O primeiro sinal traz a representação de família, o segundo, o sinal de brincar.

Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Além dos movimentos das mãos na realização do sinal, também existem os sinais não manuais que estão associados com os movimentos do corpo, e as expressões faciais, o espaço de sinalização e os classificadores que desempenham funções não só dentro da estrutura da fonologia, mas também dentro de outras áreas da linguística da língua sinalizada.

Expressão Facial e/ou corporal: É um elemento de grande importância para comunicação e também na gramática da língua sinalizada. Existem características relevantes na gramática desse parâmetro, dentre os quais podem-se citar contribuições na área da sintaxe, nas perguntas interrogativas, orações relativas, topicalização e concordância, além do campo lexical na construção dos pronomes, advérbios e expressões de negação. As expressões não manuais (conforme demonstra a figura 5) dispõem das expressões da face, como as emoções, os movimentos dos olhos, da cabeça e do tronco para realização do sinal.

Figura 5 – Expressão facial ou corporal



Legenda: As expressões não manuais dispõem das expressões da face, como as emoções, os movimentos dos olhos, da cabeça e do tronco para realização do sinal. O primeiro sinal brincar, o segundo difícil e a ultimo o sinal de fome.

Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Dessa forma, a língua de sinais é uma língua espacial-visual, que é realizada pelas mãos do sinalizador em um determinado ponto do corpo, ou espaço em frente ao corpo, no qual as apresentações dos sinais acontecem em uma área

limitada que vai do alto da cabeça e se expande até o quadril, como é representado pela figura 2.

O sinal pode ser produzido com apenas uma mão (independente da direita ou da esquerda) ou usando as duas, conforme é definido pelo sinal. Por ser uma língua de exploração de movimentos e espaços, a língua de sinais segue aspectos importantes e necessários para uma boa conformidade e estruturação dentro da gramática do sinal.

Conhecidos os parâmetros importantes para a língua sinalizada, a seguir, aborda-se, a metodologia empregada nesta pesquisa.

3 Metodologia

O método de investigação desta pesquisa foi de caráter qualitativo. Como afirmam Gehardt e Silveira (2009, p. 31),

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências [...] O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações [...] A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (GEHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 31).

Utilizou-se esse método, nesta pesquisa, com o intuito de analisar o ambiente linguístico de uma família ouvinte com filho(s) surdo(s) com o emprego de uma entrevista semiestruturada, tendo como referência um questionário direcionado a mães que tiveram filhos surdos. Esse questionário foi enviado às mães por *email* e *whatsapp*.

A pesquisa tem como informantes exatamente três mães – aqui denominadas Mãe I, Mãe II e Mãe II – que são ouvintes e que possuem filhos que nasceram com surdez profunda. Seus filhos nasceram em diferentes estados do Brasil e em épocas diferentes.

O contato com essas mães foi proporcionado por intermédio de professores do Centro de Apoio às Necessidades Auditivas e Visuais – CENAV, da cidade de Lavras (Minas Gerais), no qual tivemos a oportunidade de conhecer a Mãe II. O contato com a Mãe III ocorreu pelo *whatsapp*, em um grupo de educação de surdos. Essa mãe mora em Fortaleza, no Ceará. Já a Mãe I, uma das pesquisadoras a conhece, desde criança, por morar na mesma cidade de sua família: Carrancas – Minas Gerais.

A Mãe I teve dois filhos, o primeiro nascido em 1982. Em relação a esse primeiro filho, a surdez foi descoberta depois de um ano de idade. Já o segundo nasceu no ano de 1990, e sua surdez foi descoberta antes de completar um ano, por causa do conhecimento em relação ao primogênito. Seus dois filhos nasceram com surdez profunda em virtude da genética herdada do pai, que tem uma pequena deficiência auditiva. Eles residem em Carrancas, uma pequena cidade de Minas Gerais com menos de cinco mil habitantes.

Já a Mãe II teve um filho que nasceu no ano de 1994 no estado do Rio de Janeiro. A surdez de seu filho foi causada pela rubéola durante o período gestacional. De acordo com a mãe, passaram-se oito meses para se descobrir o diagnóstico de surdez do filho.

De acordo com a Mãe III, a surdez de sua filha foi causada pela má formação do aparelho auditivo durante a gravidez. Sua filha nasceu em 2013, em Fortaleza, no Estado do Ceará. A surdez de sua filha foi descoberta com dois anos e seis meses.

Em relação ao tema da entrevista, foram elaboradas as questões: Qual tipo de comunicação foi usado entre o(s) filho(s) surdo e os pais, antes de descobrirem o diagnóstico de surdez do(s) filho(s)? Qual foi a reação da família diante do diagnóstico? Houve contato da criança com a língua de sinais após descobrirem a surdez? Como ocorreu a aquisição da língua de sinais pelo(s) filho(s)? Como foi o desenvolvimento escolar do(s) filho(s) e a progressão deles dentro da comunidade ouvinte? Ressalta-se que as respostas das mães a essas questões, apresentadas na análise a seguir, passaram por um pequeno processo de retextualização, a fim de aproximar, da norma culta, os textos produzidos por elas.

A seguir, apresenta-se a análise sobre aquisição da LIBRAS por essas crianças surdas, filhas de pais ouvintes, e sobre como ocorreu a comunicação entre esses pais e filhos.

4 Aquisição da libras por crianças surdas com pais ouvintes

A família tem um papel fundamental na aquisição da linguagem. Segundo Figueiredo (2015),

Portanto, para uma boa aliança familiar, a participação efetiva por parte dos pais é essencial, pois o apoio da família estabelece a base para a vida social da criança surda, para o entendimento das coisas e a compreensão de suas diferenças. Os pais desempenham o papel de responsáveis pela sintonia estabelecida com a criança e também por facilitar as trocas comunicativas. Figueiredo (2015, p. 20).

Podemos verificar a importância da família também no relato da Mãe II: **“Mas para que isso aconteça é necessário que a mãe e toda família, ou pelo menos os pais também aprendam a se comunicar com seu filho”.**

A criança adquire uma língua na relação com o próximo, inicialmente na convivência familiar, em geral com os pais, irmãos e cuidadores.

Quando os pais ouvintes têm um filho que é surdo, a dificuldade da criança em aprender a língua de sinais costuma ser maior, uma vez que os pais não apresentam nenhum conhecimento da língua sinalizada, como constata Kail (2013).

As crianças surdas filhas de pais ouvintes (90%), o quadro de desenvolvimento é muito diferente. Essas crianças produzem gestos “espontâneos” para tentar se fazerem entender por aqueles que as rodeiam. Ao termo de vários estudos, a conclusão a que se chega é que o sistema de comunicação gestual espontaneamente produzidos pelas crianças surdas representa, é verdade, um sistema linguístico certamente elementar, mas diferente de um sistema paralinguístico. (KAIL, 2013, p. 98).

Considerando o ambiente linguístico em que a criança surda vive, é importante que os pais procurem o mais rápido por uma interação com a língua de sinais, evitando que os seus filhos sejam privados do direito à comunicação. Conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 9), “é inegável à criança o direito de acesso à língua de sinais como meio e fim da sua interação linguística, social e cultural”. Nesse mesmo sentido, Gesser (2009) sustenta o direito linguístico da criança surda à aquisição da linguagem, na situação em que os pais são ouvintes. Os pais devem possibilitar seus filhos surdos a interação com a língua materna dos surdos, a língua sinalizada, para que ambas as partes possam se compreender mutuamente pela língua de sinais.

Porém, é importante compreender que diante de uma criança que tem a língua diferente de seus pais, nasce com essa criança, também, uma família que não sabe lidar com esse novo fato, pois há um medo por não saber enfrentar a situação e a incerteza dos desafios da comunicação com a criança. Como afirma uma mãe (Mãe III), participante deste estudo: **“Minha reação foi de desespero e que tudo o que tinha planejado para ela, foi destruído”**.

Apesar dos conflitos emocionais através dos quais a família passa, é importante a aceitação do diagnóstico e a procura rápida de ajuda com pessoas especializadas para o acolhimento da família, como observado por Figueiredo (2015). O pós diagnóstico de surdez pode ser decisivo na vida dessa criança e dos familiares. Após a confirmação do diagnóstico, os pais se enchem de dúvidas, medos e preocupações por não saberem lidar com uma criança surda. Mas após esse susto e as incertezas quanto ao futuro do filho, os pais e demais membros da família devem procurar ajuda e informações necessárias o mais rápido possível a respeito da língua de sinais e de sua aquisição.

Mesmo antes de receber o diagnóstico de surdez, os pais e familiares iniciam o processo de comunicação com o filho, e muitas vezes de forma oral, e, após insucessos na comunicação, começa uma interação gestual entre ambos, como apontado pelas três mães, participantes desta pesquisa. Apenas algum tempo depois, os pais procuram conhecer a Língua de sinais, como destaca Quadros e Cruz (2011), citado por Figueiredo (2015, p. 18).

Pois o acesso às informações referentes à surdez e o processo de desenvolvimento da criança surda, a conscientização e sensibilização das necessidades da criança referente à aquisição de uma língua de sinais (visual-espacial), o reconhecer da importância de aprender uma nova língua para se comunicar verdadeiramente com a criança surda, o conhecimento e a troca de experiências com pais de crianças surdas que utilizam a língua de sinais, a possibilidade de receber apoio emocional, [...] são alguns dos fatores que podem exercer grande influência no processo de aquisição da língua da criança surda, contribuindo para que a criança tenha um processo de aquisição normal. (QUADROS e CRUZ, 2011. p.28).

Por isso, é importante que a família se adapte a essa nova realidade, para que não aconteça um atraso na aquisição linguística da criança. Outro aspecto a ser considerado, diz a respeito ao diagnóstico da surdez, que deveria ser confirmado logo após o nascimento da criança, para que a família pudesse organizar-se em relação à nova língua. Dessa forma, haveria mais tempo para procurar ajuda e colocar a criança em contato direto com a língua de sinais, dando ao recém-nascido a oportunidade de adquirir essa língua como língua materna.

Mas, infelizmente, muitos surdos só aprendem a LIBRAS após ter contato com a língua portuguesa, o que compromete o desenvolvimento que seria esperado se acaso adquirissem primeiramente a língua de sinais. Como afirma Gesser (2009, p. 76), “Não é a surdez que compromete o desenvolvimento do surdo, e sim a falta de acesso a uma língua”.

Para que a criança possa adquirir um bom desenvolvimento linguístico na aquisição, se faz necessário o contato da família com a língua de sinais, visando à interação da criança linguisticamente com o ambiente em que vive. Essa interação é necessária para que ela possa dar significados às palavras, demonstrar seus sentimentos e intenções, que são marcantes para o desenvolvimento do ser humano. Podemos observar no relato da Mãe II sobre a autonomia do filho: **“Ele foi aprendendo aos poucos, cada sinal em Libras que o ajudaria ter autonomia”**.

Em vista disso, podemos dizer que a ausência do contato com a língua materna sinalizada traz graves consequências para desenvolvimento intelectual, emocional e social de uma pessoa com surdez. A principal dessas consequências é a desigualdade junto à comunidade ouvinte e familiar. Como destaca Figueiredo (2015),

A grande preocupação referente a falta de conhecimento da Libras foi destacado por algumas mães relatando que, por seus filhos não entenderem o que os outros falam, a maior dificuldade encontrada por eles é a discriminação, tanto na escola como em outros lugares. Alguns deixam de participar até mesmo de algumas atividades familiares devido à falta de entendimento entre os mesmos. Figueiredo (2015, p. 42).

Outro fator que retarda a aquisição da LIBRAS por crianças surdas é o fato de a família habitar em uma cidade que não tem nenhum suporte ou estrutura para oferecer a família a aprendizagem da língua de sinalizada, ou que não promove o contato da criança com outras pessoas surdas, para que esta possa conquistar uma identidade surda, e logo ser respeitada dentro da comunidade ouvinte. Segundo Figueiredo (2015),

Nem sempre a família é orientada sobre o que significa ter um filho surdo e muito menos sobre essa nova cultura. Não é fácil para esses pais se identificarem com essa criança. Existe a dificuldade de aprender uma nova língua, uma nova cultura. Essas famílias precisam ser auxiliadas a compreender a diferença entre eles, mudando assim a maneira de ver e de se relacionar com o filho. Para que essa família tenha uma participação expressiva no desenvolvimento dessa criança, terá que abrir mão de que o único meio de comunicação que existe é o da fala. Precisam conhecer e conviver com outras pessoas surdas. (FIGUEIREDO, 2015, p. 19)

Considerando a citação de Figueiredo (2015), podemos verificar esses fatos no desabafo da Mãe I, participante deste estudo, no apêndice A.

Seguem partes do desabafo da Mãe I sobre as dificuldades encontradas pelos filhos surdos que não conseguiram aprender a LIBRAS, como o contato tardiamente com a língua, as dificuldades na escola, a dificuldade da família na comunicação, e a solução que eles encontraram para comunicar-se, a falta de autonomia para os surdos que não sabem a língua sinalizada, e o preconceito que sofrem.

“Quando meu segundo filho completou 5 anos fomos encaminhados para APAE, em São João Del Rei, para aprender a Libras. Sendo que a permanência dele nessa associação durou apenas um ano, com isso, acabou aprendendo pouca da língua. Houve dificuldades em aprender a LIBRAS, porque já tínhamos desenvolvido uma forma de comunicação nossa, e aprender uma nessa idade ficou difícil”.

No próximo relato, a Mãe I, demonstra uma esperança em que seu filho pudesse aprender a LIBRAS na escola.

“Na escola que eu acho que seria o lugar de um maior contato deles com a LIBRAS não houve. O que ocorreu foi uma tentativa com a língua portuguesa e a escrita. Em decorrência da falta de professores e profissionais preparados para auxiliá-los. Acredito que por causa dessa falta, do contato por uma mesma língua, entre professor e aluno, meu primeiro filho decidiu abandonar a escola. Isso aconteceu por ele não estar aprendendo e entender o que acontecia durante as aulas”.

Podemos perceber na continuação do relato da Mãe I, o uso de gestos caseiros, uma forma que a família encontrou para suprir as dificuldades da falta da língua de sinais, Como afirmam Carvalho e Santos (2016, p. 194),

Quando existe a necessidade da comunicação, mas não há uma língua estabelecida entre pais e criança surda, é criada uma alternativa doméstica, que não é considerada, portanto, uma língua, por se tratar de gestos inventados a partir de determinadas situações em que algo precisou ser dito ou informado (CARVALHO e SANTOS, 2016, p. 194).

“Eu como mãe não consegui aprender a LIBRAS e nem meu esposo. Comunicávamos com eles do nosso jeito. Para dizer mamãe apontava para os seios, e papai apontava na cintura. Para chamar tia eles apontavam para o pai e enchia a boca de ar, para referir a uma tia gordinha, que é irmã do pai deles. Para a família, construíamos um sinal para cada pessoa. Dessa forma procurávamos fazer um sinal que eles pudessem entender o que estávamos falando ou entender o que eles queriam dizer. Por um tempo, ficamos tentando os fazer falar, quando pedia água, ficávamos repetindo as palavras varias vezes, com isso, criaram o habito de ler os lábios. Hoje, algumas palavras eles conseguem falar como pau, café e pai, mas palavras com n e m não falam”.

A seguir, em trechos de relatos da mesma mãe, observamos a falta de profissionais preparados ao uso da LIBRAS para o atendimento de pessoas com surdez, como também a falta de autonomia dos surdos ao realizar tarefas do cotidiano, o que foi causado pela falta da aquisição da linguagem adequada. Outro fato que também podemos destacar neste relato é a falta de conhecimento dos ouvintes em relação à LIBRAS, o que poderia facilitar o atendimento das pessoas com surdez:

“A dependência, como ir ao banco, ao medico e comprar roupa. Meu filho passou por uma seleção de emprego recentemente e o pai o acompanhou. Quando tem a necessidade para ler e assinar documentos temos que estar juntos para explicar. E acredito que não só pela falta deles não saberem a LIBRAS, mas a falta de outras pessoas não saberem também, isso traz um transtorno, um constrangimento. Se eles soubessem se comunicar normalmente poderiam ter estudado mais, e ter uma profissão melhor”.

“Um exemplo é a dependência, como ir ao banco, medico e comprar roupa. Meu filho passou por uma seleção de emprego recentemente e o pai o acompanhou. Quando tem a necessidade para ler e assinar documentos temos que estar junto para explicar. E acredito que não só pela falta deles não saberem a LIBRAS, mas a falta de outras pessoas não saberem também, isso traz um transtorno, um constrangimento”.

Atualmente, com a ajuda da tecnologia e das redes sociais, podemos ter uma melhora na disseminação da LIBRAS, como podemos ver ainda no relato da Mãe I.

“Hoje meu filho mais novo sabe um pouco mais da libras ele tem um grupo no *facebook* e *whatsapp* com pessoas surdas e assim eles ficam conversando entre eles. As vezes ele me ensina algumas palavras em libras”.

Ainda sobre a importância da relação da família para o processo de aquisição da linguagem da criança surda, como afirmam Dizeu e Caporali (2005),

É imprescindível para essa criança e para sua família que o contato com a língua de sinais seja estabelecido o mais rápido possível. Quando a família aceita a surdez e a LIBRAS como uma modalidade comunicativa importante e passa a utilizá-la com a criança, esta irá apresentar condição para realizar novas aquisições, impulsionando seu desenvolvimento linguístico. A família, então, exerce papel determinante para o estabelecimento da língua de sinais, como língua funcionante no discurso da criança surda nos primeiros anos de vida. (DIZEU; CAPORALI, 2005, p. 591)

Levando em consideração o seio familiar para a aquisição linguística da criança surda, procuramos aprofundar com as mães ouvintes como foi o processo de aquisição da língua pelos filhos, suas relações com os pais, além do desempenho escolar e social do surdo.

Em uma análise inicial acerca da interação comunicativa, foi possível verificar que a comunicação entre pais e filho sempre acontecem independentemente da realização através de uma mesma língua.

Conforme foi respondido por todas as mães no questionário, primeiramente elas iniciaram uma comunicação oral e posteriormente incorporaram os gestos para ajudar na comunicação com o(s) filho(s), antes de descobrirem a surdez. Como conta a Mãe III que **“Após o nascimento [de sua filha], houve uma comunicação oral. Como não tinha respostas, completamos a conversa utilizando gestos”**.

Para a autora Kail (2013. p. 98), essas dificuldades são encontradas na comunicação dos pais ouvintes com seus filhos surdos: “Essas crianças produzem gestos “espontâneos” para tentar se fazerem entender por aqueles que as rodeiam”.

Cabe ressaltar que uma das dificuldades encontradas pelas crianças surdas na comunicação com os pais foi à forma visual e gestual, já que a percepção dos bebês surdos se dá pela visão e por gestos.

Isso acontece porque os pais são ouvintes e não apresentam um domínio comunicativo visual-gestual dentro do espaço de visão dos filhos, o que causa muitas vezes a dificuldade na convivência, como aponta a Mãe III: **“Comunicação difícil, porque ela não falava nada e nem reagia a nossa fala. O olhar dela era muito triste e perdido”**.

A Mãe I também relata a dificuldade ao tentar uma comunicação oral/auditiva com o filho **“...eu chamava, chamava e nada. Procurava fazer barulho para assustá-lo e nada dele olhar para mim”**.

Da mesma maneira, a Mãe II lembra-se da comunicação gestacional já que estava gerando um bebê surdo. **“Hoje ao me lembrar, me remete um pouco de tristeza. Pois a comunicação se inicia dentro da barriga da mãe, e meu filho não pode ter esse contato. Nossa comunicação era só visual”**. Nessa fala,

constata-se a angústia da mãe ao lembrar da gestação de um bebê surdo, o qual terá interações linguísticas visuais-gestuais e não orais-auditivas.

Em relação à demora dos pais em perceber a surdez de seu(s) filho(s) e o temor diante do diagnóstico da surdez, verificamos que todas as mães revelam que, após descobrirem a surdez de seus filhos, tiveram a mesma reação e passaram por uma avalanche de sentimentos, como salienta Moura (2009) citado por Figueiredo (2015, p. 15).

O momento de receber o diagnóstico da surdez pode ser decisivo na vida da criança e dos familiares. Iniciam as dúvidas, apreensões e preocupações quanto ao crescimento, desenvolvimento e aos procedimentos que deverão ser adotados. As reações dos pais na ocasião do diagnóstico podem ser um momento confuso, cheio de imprecisões e de incertezas quanto ao futuro do filho e da sua família. (MOURA, 2009).

Desta forma, percebemos que essa é uma fase muito dolorosa para a família, pois a chegada de um bebê surdo, não só traz o medo, mas também é o início de muitas dúvidas e inseguranças, por não saber como lidar com um filho surdo e as dificuldades diante da aquisição de uma nova língua.

Essa é uma fase que todas as mães presentes neste estudo contam. Vejam o exemplo da Mãe I que logo imagina como se daria a comunicação entre eles:

“No início ficamos assustados, foi muito triste, e ficamos preocupados de como íamos conseguir a comunicar. Perguntava o que fazer? Não tinha instrução de como proceder diante da surdez, ainda mais vendo outras crianças da idade deles falando, conversando e ele não, foi angustiante”.

Segundo a Mãe II, que aponta a demora ao receber o diagnóstico e a dificuldade para aceitar: **“só descobrimos quando ele tinha 8 meses. Ficamos chocados, demoramos para aceitar”.**

Já a Mãe III abala-se com o que foi idealizado para o futuro da filha: **“Minha reação foi de desespero e que tudo o que tinha planejado para ela, foi destruído e a reação de meu esposo foi de profunda tristeza e desilusão”.**

Observando esse cenário, ressaltamos a importância do direcionamento da família ouvinte para unidades especiais, para que as famílias sejam acolhidas da forma adequada. Além do acolhimento, as unidades de apoio têm que estar preparada para receber tanto a criança quanto a família, para que possam adquirir a língua de sinais, já que o conhecimento da língua é fundamental na vida de uma pessoa com surdez, como destaca Dizeu e Caporali (2005).

É imprescindível para essa criança e para sua família que o contato com a língua de sinais seja estabelecido o mais rápido possível. Quando a família aceita a surdez e a LIBRAS como uma modalidade comunicativa importante e passa a utilizá-la com a criança, esta irá apresentar condição para realizar novas aquisições, impulsionando seu desenvolvimento linguístico. A família, então, exerce papel determinante para o estabelecimento

da língua de sinais, como língua funcionante no discurso da criança surda nos primeiros anos de vida. (DIZEU; CAPORALI 2005, p. 591).

Para Gesser (2009), a capacidade linguística das crianças surdas depende do ambiente em que vivem. Nesse sentido, para que os surdos se desenvolvem linguisticamente bem, não pode haver nenhum impedimento à aquisição da língua sinalizada, e para que ocorra essa aquisição, ao surdo e à sua família têm de estar assegurados a aprendizagem e o uso da LIBRAS em todos os âmbitos sociais.

Imediatamente, pensamos na capacidade inata do ser humano para a linguagem. Nesse mesmo ponto de vista, Quadros (1997, p. 47) destaca a “necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações”.

Com isso, podemos perceber que, se ao surdo for garantido, desde o nascimento, a interação com a língua de sinais em seu convívio, ele poderá ser um usuário da língua competente, realizando interações linguísticas bem sucedidas, em diferentes âmbitos de sua vida.

Outro aspecto observado no questionário diz respeito ao fato de que duas das três mães tiveram a oportunidade de aprender a LIBRAS, possibilitando aos filhos a chance de manter contato comunicativo na língua deles. Com isso, seus filhos puderam ter uma aquisição linguística que, de fato, proporcionou a eles a oportunidade de se comunicar e interagir na Língua de Sinais. Esse contato entre mãe e filho foi importante para o desenvolvimento intelectual e educacional da criança, como ressalta a autora Kail (2013) sobre a importância da exposição à língua de sinais.

Se a exposição a uma língua falada e sinalizada pode trazer benefícios para o desenvolvimento das competências comunicativas e cognitivas da criança, em contrapartida, parece indispensável fornecer um input correspondente a uma língua integral (língua de sinais) para que as competências linguísticas possam ser elaboradas. (KAIL, 2013, p. 99).

Em relação a isso, a Mãe II evidencia a relevância de toda a família estar apta a uma nova língua, para que a criança não se sinta excluída da convivência familiar. **“Para que isso aconteça é necessário que a mãe e toda família, ou pelo menos os pais também aprendam a se comunicar com seu filho”.**

Diante disso, é lamentável que nem todas as famílias tenham a possibilidade de aprender a língua de sinais. Esse é o caso da Mãe I, que não teve o suporte para que seus filhos surdos aprendessem a LIBRAS. Em função disso, eles sofrem consequências até hoje em sua vida cotidiana e pessoal: **“Quando meus filhos vão ao médico e ao banco eu ou o pai os acompanham, mesmo sendo adultos”.** Dessa forma, podemos perceber que os pais acompanham os filhos para que eles possam ser entendidos por outras pessoas.

Conforme já mencionado, a Mãe I teve dois filhos surdos, o primeiro nasceu na década de 80, e o segundo na década de 90. Eles são residentes em uma pequena cidade de Minas Gerais. A família não teve a oportunidade de aprender a LIBRAS e, em decorrência da necessidade da comunicação, a mãe teve que adaptar-se a uma língua gestual improvisada para desenvolver vínculo comunicativo com os filhos. Quadros (1997) afirma que

Com crianças surdas filhas de pais ouvintes a situação é completamente diferente. Mesmo quando os pais usam algum tipo de comunicação gestual, usam-na somente com a criança, pois é um sistema criado em função da criança nascida “deficiente”. (QUADROS 1997, p. 80).

Isso explica o porquê, normalmente, as mães ouvintes com filhos surdos acabam criando uma comunicação própria, conforme mencionado também por Carvalho e Santos (2016, p. 194):

Quando existe a necessidade da comunicação, mas não há uma língua estabelecida entre pais e criança surda, é criada uma alternativa doméstica, que não é considerada, portanto, uma língua, por se tratar de gestos inventados a partir de determinadas situações em que algo precisou ser dito ou informado Carvalho e Santos. (2016, p. 194).

Trata-se de um tipo de comunicação caseira, em que a família constrói uma estratégia de comunicação a favor dos filhos, evitando um distanciamento dos laços afetivos e comunicativos em função da língua diferente. Essa forma de comunicação permite a criança surda dialogar com as pessoas, a expor suas ideias e as necessidades do dia-a-dia. Como relatado pela Mãe I:

“Eu como mãe não consegui aprender LIBRAS e nem meu esposo. Comunicávamos com eles do nosso jeito. Para dizer mamãe apontava para os seios, e papai apontava na cintura. Para chamar tia eles apontavam para o pai e enchia a boca de ar, para referir a uma tia gordinha, que era irmã do pai deles. Para a família, construíamos um sinal para cada pessoa. Dessa forma procurávamos fazer um sinal que eles pudessem entender o que estávamos falando ou entender o que eles queriam dizer”.

Para a Mãe I, cujo filho nasceu na década de 1980, nesse período, a língua de sinais não tinha grande visibilidade. O sistema educacional não tinha uma didática voltada aos surdos. Esse fato comprometeu a aquisição da LIBRAS pela família. A situação foi diferente na época do nascimento do segundo filho, na década de 1990, época em que foi celebrada a Declaração de Salamanca nos Estados Unidos, dando direito aos surdos a uma educação inclusiva. Em relação à declaração, Quadros (2003, p. 85 e 86) expõe:

Linha de Ação da Declaração no capítulo II, artigo 21, os alunos surdos devem ter um atendimento específico: 21. As políticas

educativas deverão levar em conta as diferenças individuais e as diversas situações. Deve ser levada em consideração, por exemplo, a importância da linguagem dos sinais como meio de comunicação para os surdos, e ser assegurado a todos os surdos acesso ao ensino da linguagem dos sinais de seu país. Face às necessidades específicas de comunicação de surdos e de surdos-cegos, seria mais conveniente que a educação lhes fosse ministrada em escolas especiais ou em classes ou unidades especiais nas escolas comuns. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

Nesse mesmo ano, também foi sancionado o Plano Nacional de Educação Especial de 1994, conforme cita Quadros (2003, p. 86), “o direito de uso da língua de sinais pelo surdo; mas apenas “recomenda” a utilização desta língua pelos professores e familiares”. A partir desse momento, a LIBRAS começa a ganhar espaço e a ser aceita no meio educacional.

Na mesma época, a Mãe II teve seu filho na cidade de Resende, no Rio de Janeiro. Estado esse que localiza o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Morando em uma cidade com mais de cento e vinte mil habitantes, a Mãe II teve a felicidade de ver o filho aprender a LIBRAS. Com um ano e oito meses, houve o primeiro contato do filho com a língua de sinais, que aconteceu em uma entidade especial para surdos. Na instituição, a família também teve a oportunidade de aprender a língua do filho.

O fato de a família ter acesso a uma instituição especializada trouxe benefícios para o filho. Outro fato que contribuiu para a aprendizagem da criança foi estudar em uma escola especializada em língua de sinais, que favoreceu no seu desenvolvimento linguístico. A mesma mãe destaca a importância da família aprender a língua: **“Para que isso aconteça, é necessário que a mãe e toda família, ou pelo menos os pais também aprendam a se comunicar com seu filho”**.

De acordo, com o relato da Mãe III, cuja filha nasceu em 2013, em Fortaleza, capital do Estado do Ceará, com mais de dois milhões de habitantes. Nasceu em uma época em que a LIBRAS já estava reconhecida como a segunda língua oficial do país, em várias cidades, já havia escolas e associações para surdos. O primeiro contato da filha com a língua de sinais aconteceu com dois anos e seis meses de idade. A mãe confessa que demorou na procura por ajuda para a realização do exame, pois tinha medo de descobrir a surdez da filha. **“Eu não queria acreditar que tinha algo “errado” com minha filha”**. Após descobrir a surdez da criança, a primeira iniciativa foi matricular a filha em uma escola especial. A mãe confessa que chegou a fazer um curso de LIBRAS, antes de estar grávida da filha, e hoje é ela a intérprete da filha na escola.

A Mãe III conta que, mesmo com as dificuldades da surdez, a menina conseguiu se superar e teve um excelente desenvolvimento linguístico. **“Minha filha hoje está com 5 anos de idade, muito fluente na Libras (de acordo com a idade dela), é uma criança super comunicativa, é bailarina, modelo, pratica capoeira com o pai, às vezes toca violão, sabe quando o desenho que assiste é música ou fala, conhece todas as cores, letras do alfabeto e seu nome”**. Além disso, essa mesma mãe ressalta a participação e o incentivo da família no desenvolvimento da filha.

Em relação ao mencionado por todas as mães acerca das dificuldades de encontrar apoio especializado, das experiências, das dúvidas sobre a língua, Figueiredo (2015) afirma que

Nem sempre a família é orientada sobre o que significa ter um filho surdo e muito menos sobre essa nova cultura. Não é fácil para esses pais se identificarem com essa criança. Existe a dificuldade de aprender uma nova língua, uma nova cultura. Essas famílias precisam ser auxiliadas a compreender a diferença entre eles, mudando assim a maneira de ver e de se relacionar com o filho. Para que essa família tenha uma participação expressiva no desenvolvimento dessa criança. (FIGUEIREDO, 2015, p. 19).

Dessa maneira, todas as mães defendem o direito dos surdos de aprender e usar a LIBRAS para comunicar-se, o que comprova a importância da língua para o desenvolvimento, a formação e principalmente a autonomia dos filhos.

O que justifica a falta de acesso dos filhos da Mãe I à língua de sinais é a falta de estrutura das cidades do interior, tanto na área humanitária, social e escolar. Deve-se considerar também que o nascimento aconteceu em uma época na qual não havia muito conhecimento dos benefícios da aquisição da língua de sinais pela criança.

Outra explicação seria a inércia do sistema educacional e de órgãos públicos na difusão da LIBRAS, quando ao nascimento do segundo filho, que teve contato com a língua apenas aos cinco anos. Percebe-se essa inércia no fato de que a criança tinha que percorrer duas vezes por semana um trajeto de quase duas horas até uma cidade vizinha, onde se localizava a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), local no qual apenas a criança tinha contato com a língua de sinais. Em virtude da distância, permaneceu naquela instituição por apenas um ano.

Em relação à inserção dos filhos no ambiente escolar, a Mãe I menciona que a escola, por não estar preparada para acolher as crianças surdas, também não possuía profissionais preparados para recebê-los. **“Na escola que eu acho que seria o lugar de um maior contato deles com a LIBRAS não houve. O que ocorreu foi uma tentativa com a língua portuguesa e a escrita. Em decorrência a falta de professores e profissionais preparados para auxiliá-los”.**

A mãe acredita que a falta de comunicação dentro do ambiente escolar ocasionou a evasão escolar do filho. **“Meu primeiro filho não conseguiu aprender bem a libras, por isso, estudou até a 4ª série do ensino fundamental, mesmo eu tendo que insistir muito. Até o dia que ele disse que ele não estava aprendendo nada na escola, e que não conseguia acompanhar os conteúdos das aulas, e decidiu abandonar a escola”.**

Esse é um problema da inclusão escolar da forma ineficiente como vem sendo feita, por vezes. Desde décadas anteriores, o sistema escolar não está preparado para receber alunos especiais. Para Gesser (2009), a escola não está apta a receber os alunos surdos.

Não se trata de dificuldade intelectual e sim de oportunidade. Oportunidade de acesso a uma escola que reconheça as dificuldades linguísticas; que promova acesso à língua padrão; que, no caso dos surdos, tenha professores proficientes na língua de sinais, que permita a alfabetização na língua primeira e natural dos surdos. (GESSER 2009, p. 57e 58).

Apesar das leis existirem, nem sempre há serviços acessíveis aos surdos, principalmente quando eles estão locados em cidades do interior. Nesses casos, há uma carência de profissionais qualificados em serviços públicos que possam atendê-los como está definido na lei. Um bom exemplo está no Apêndice A, no relato da Mãe I: **“Mas faltam pessoas preparada para ajudar uma família que tem filho surdo, como o meu caso, que não soube lidar com a situação de ter filhos surdos e não saber a língua de sinais. Quando meus filhos vão ao medico ou ao banco eu ou o pai os acompanham, mesmo sendo adultos. Na escola, faltaram pessoas capacitadas e que soubessem a LIBRAS para ensiná-los. Vejo que em muitos lugares as pessoas não conseguem entende-los”**.

Nos dias atuais, é lamentável deparar com relatos como dessa mãe, e saber que seus filhos quando crianças não tiveram a oportunidade de aprender a LIBRAS. E que, hoje, seus filhos, já adultos, necessitam da ajuda dos pais para realizar tarefas simples como ir ao médico.

Considerações finais

Este estudo tratou da aquisição da língua por crianças surdas com pais ouvintes, tendo como objetivo investigar a relação entre esses sujeitos e a língua sinalizada, no caso, a LIBRAS (GESSER, 2009; KAIL, 2013; FIGUEIREDO, 2015). Investigaram-se, principalmente, a forma de comunicação entre essas crianças e seus pais antes do diagnóstico da surdez, e as dificuldades encontradas pelos pais mediante aos filhos surdos na aquisição da língua sinalizada.

Como resultados da análise, observaram-se as dificuldades da comunicação dos pais ouvintes com seus filhos surdos, o medo e a angústia das famílias por não saberem lidar com as informações do diagnóstico e a complexidade do desenvolvimento linguístico e social de uma pessoa com surdez.

Pela análise demonstrada, as crianças surdas que não tiveram contato com a língua de sinais desde o nascimento ainda puderam ter um melhor desenvolvimento linguístico após ter contato constante com a língua sinalizada, dentro do período apropriado para aquisição, como acontece com os filhos da Mãe II e III.

Porém, para famílias que não tiveram contato com a LIBRAS, essas tiveram de descobrir uma forma própria para suprir as dificuldades da comunicação com os filhos, evitando que a criança se sentisse excluída dentro do próprio lar. Como foi identificado na entrevista com a Mãe I.

O que não se pode deixar de ressaltar é a questão da estrutura das cidades pequenas, que não dão o suporte necessário e nem apresentam profissionais para auxiliar as famílias e as crianças surdas desde o nascimento até a idade escolar.

Pelo que constatamos neste estudo, até mesmo na discussão teórica, o aprendizado da língua de sinais é de extrema importância para o desenvolvimento dos surdos. Isso evita que as crianças se sintam diferentes das pessoas que as cercam, que adquiram sua língua materna no período crítico de aquisição da linguagem, até os cinco anos de idade (TRASK, 2006).

No entanto, não só as crianças precisam aprender a LIBRAS, mas toda a família e pessoas que trabalham com público em geral, pois a língua de sinais é essencial para a comunicação com o surdo, permitindo sua autonomia e desenvolvimento pessoal e social, fatores essenciais para a vida (FIGUEIREDO, 2015).

Por fim, para que essa realidade mude dentro da comunidade ouvinte, é necessário que a população possa se informar das dificuldades dos surdos e procure adaptar-se para recebê-los em sociedade.

Referências

BRASIL. *Decreto nº 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BENASSI, C. A.; PADILHA, S. J. Fonologia da Libras: Os parâmetros e a relação pares mínimos da Libras. *Revista Diálogos (Rev. Dia)*, Cuiabá, v. 3, n. 2, p. 94-106, jul./dez.2015. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3372/2369>> Acesso em: 09 Set. 2018.

CARVALHO, D. M.; SANTOS, L. R. L. Pais ouvintes, filhos surdos: Causas e consequências na aquisição da língua de sinais como primeira língua. *Revista Sinalizar*, Goiás, v.1, n.2, p. 190-203, jul./dez. 2016. Disponível em:<<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/41493/22088>>. Acesso em: 23 Mar. 2019.

DIZEU, L. C. T. B. CAPORALI, S. A. A Língua de Sinais constituindo o sujeito surdo. Campinas – SP: *Educação e Sociedade*, Alagoas, vol. 26, nº91, p. 583-597, maio./ago 2005. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/pdf/873/87313716014.pdf>>. Acesso em: 23 Jun. 2018.

FIGUEIREDO, A. M. S. *Análise da interação linguística entre pais ouvintes e filhos surdos no município de Ariquemes/RO*. Rondônia, 2015. Disponível em:<<http://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/1301/1/FIGUEIREDO%2C%20A.%20M.%20S.pdf>>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. *Métodos de Pesquisa*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GESSER, A. *LIBRAS? Que língua é essa?* 1. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

KAIL, M. *Aquisição de linguagem*. Tradução Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013. 95-101p.

MOURA, I.C.N. Relações familiares: possibilidades entre pais e filhos num contexto de surdez. Especialização em Educação Especial. 79p Faculdade Santa Helena, Recife, 2009. In: FIGUEIREDO, A. M. S. *Análise da interação linguística entre pais ouvintes e filhos surdos no município de Ariquemes/ RO*. Rondônia, 2015. Disponível em:<<http://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/1301/1/FIGUEIREDO%2C%20A.%20M.%20S.pdf>>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

PÊGO, C. F. *Sinais não-manuais gramaticais da LBS nos traços morfológicos e lexicais. Um estudo de morfema-boca*. 2013. 88p. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em:<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13303/1/2013_CarolinaFerreiraPego.pdf>. Acesso em: 14. Nov 2018.

POKER, R.B. *Abordagens de ensino na educação com pessoas surdas*. Modulo II. Texto 2:Unesp. 2011. 11p. Disponível em:<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/Libras/mec_texto2.pdf>. Acesso em: 2 Jul. 2018.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. Língua de sinais: instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011. 67-106 p. In: FIGUEIREDO, A. M. S. *Análise da interação linguística entre pais ouvintes e filhos surdos no município de Ariquemes/ RO*. Rondônia, 2015. Disponível em:<<http://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/1301/1/FIGUEIREDO%2C%20A.%20M.%20S.pdf>>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos: A aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. *Ponto de Vista*, Florianópolis, n.05, p. 81-111, 2003. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/viewFile/1246/3850>>. Acesso em: 27 Fev. 2019.

QUADROS, R. M. KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004. 47-80p.

STOKOE, W. C. Sign language structure. Silver Spring: Linstok Press. [1960] 1978. In: QUADROS, R. M. KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004. 47-80p.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2006.

ZANONI, I. SANTOS, E. I. *Os Reflexos da Comunicação Total na Atual Interação e Comunicação entre Indivíduos Surdos e Ouvintes*. 2014. Disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1069-1.pdf>>. Acesso em: 25 Abr. 2019

Para citar este artigo

VILELA, Alice de Fátima; MARTINS, Raquel Márcia Fontes. Aquisição da linguagem por crianças surdas com pais ouvintes. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 633-657, maio-ago. 2019.

657

As autoras

Alice de Fátima Vilela é graduanda do curso de Licenciatura em Letras (Português/ Inglês) do Departamento de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Lavras.

Raquel Márcia Fontes Martins é professora das áreas de Linguística e Língua Portuguesa, do curso de Letras do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Lavras.